

Arthur Cezar Ferreira Reis

FRANCISCANOS DE S. ANTONIO

NA

CONQUISTA DA AMAZONIA .

Comunicação ao I Congresso  
Luso-Brasileiro de Historia

Belém do Pará - Abril de 1940.



A expansão pelo litoral do norte estava a concluir-se. A extensa faixa de terra que se estende de Pernambuco à boca do Amazonas, visitada, cubiçada pelos flibusteiros de França e Britania, incorporava-se ao domínio portuguez. Casas-fortes, povoados, estabelecimentos agricolas, iam assinalando a caminhada, que se realizava em som guerreiro.

Ao lado do conquistador militar e do colono, presente a todos os sucessos, figurava sempre o Religioso. As conquistas lusitanas processavam-se à sombra dos principios da Igreja de Roma e com a finalidade de extender por novos mundos, com as formulas politico-mercantis que as caracterizavam, as grandes linhas da cristandade.

Na expansão leste-oeste, não se modificara o processo. Jesuitas e Franciscanos de Santo Antonio, estes com casa em Pernambuco e Baía, num afan expressivo, participavam da expansão, cooperando intensa e produtivamente para a aliança com o gentio que iam convertendo e passava a constituir elemento precioso, fundamental mesmo, para o exito integral da façanha do conquistador iberico.

Na empreza contra os francezes do Maranhão, a Ordem Franciscana da Provincia de S. Antonio portara-se á altura do grande cometimento, com Frei Cosme de São Damião e Frei Manoel da Piedade, aquelle guardião do convento da Paraíba do Norte, e



este um dos teólogos mais famosos de então, já nascido no Brasil.

No feito mais gritante, da incorporação da Amazonia, até então campo aberto a todos os atrevimentos dos francezes, inglezes, irlandezes e holandezes, que participação teria ?

A CHEGADA AO VALE - Berredo, nos "Anais Historicos do Maranhão", e Baona, no "Compendio das Éras da Provincia do Pará", historian-do, já no seculo XVIII e XIX, a fundação do fortim do Presepio, a cuja sombra se formaria a cidade de Santa Maria de Belém, como os cronistas anteriores, do seculo XVII, não fazem referencia a Reli-giosos na empreza a cargo de Francisco Caldeira Castelo Branco.

Tampouco Manoel Barata, no ensaio magistral que escreveu acerca da "Fundação de Belem".

Felipe de Bettendorf, na "Cronica da Missão dos Padres da Companhia de Jesus no Estado do Maranhão"; Domingos de Araujo, na "Cronica da Companhia de Jesus na Missão do Maranhão"; Jacin-to de Carvalho, na "Cronica da Companhia de Jesus no Maranhão"; Bento da Fonseca, no "Maranhão conquistado a Jesus Christo, e á Corça de Portugal pelos Religiosos na Companhia de Jesus"; José de Moraes, na "História da Companhia de Jesus na Provincia do Ma-ranhão e Pará", comquanto particularizando a ação meritoria dos Inacianos no extremo-norte brasileiro, tambem se ocuparam das ori-gens historicas do cometimento portuguez no vale amazonico. Ne-nhum, todavia, inscreveu nos fastos da jornada de Caldeira Caste-lo Branco qualquer ação de Missionario desta ou daquela Ordem Re-ligiosa. O silencio é completo. Os cronistas admitem apenas a



chegada de um grupo de Capuchinhos de Santo Antonio em Julho de 1617 para a instalação de casa no sitio do Una, nas proximidades de Belém.

Castelo Branco, ao penetrar a Amazonia, não se fazia acompanhar de uma só figura da Igreja. Pela primeira vez, empreendia-se uma conquista de tanta significação com afastamento das normas lusitanas. Porque Castelo Branco trazia consigo regimento, como era do espirito das obras ultramarinas de Portugal, que não entregava ao arbitrio de seus representantes qualquer ação de monta. E se trazia um Regimento, com o que se cumpriam essas normas rígidas, porque se não lhe dera, igualmente, o Religioso que completasse o aparato e a finalidade da expedição ?

Frei Vicente do Salvador, na "Historia do Brasil", trecho que Capistrano de Abreu identificou no "Santuário Mariano", ao contrario de todos os autores que vimos citando, registrou a presença de dois Franciscanos de Santo Antonio na expedição iniciada em Dezembro de 1615 á Amazonia por Alexandre Moura: Frei Antonio de Merciana e Frei Christovam de São Joseph (1).

Ora é sabido que para escrever aquela deliciosa "Historia do Brasil", Frei Vicente do Salvador socorreu-se dos informes de Frei Christovam de Lisboa (2), Franciscano que atuava na Amazonia,

---

(1) Capistrano de Abreu, em nota a Frei Vicente, edição de S. Paulo, 1918, pg. 620.

(2) "Frei Vicente, frade de nossa conquista do Brasil, me mandou dizer que escrevia a historia do Brasil: Foi tão honrado que me mandou pedir alguma cousa do que aqui fizemos para as inserir nelas. Mandei-lhe a relação de todos e agora quatro milagres autênticos". Carta de Frei Christovam, de 20 de Janeiro de 1627, ao irmão, o historiador Severin de Faria. Studart, Documentos para a Historia do Brasil e especialmente a do Ceará, 2ª vol. Fortaleza, 1909.



observador agúdo da região e historiador interessante dos começos da ação iberica no extremo-norte. De certo Frei Vicente, que escreveu seu livro com a preocupação de fazer obra verdadeira, retrato fiel das origens e evolução dos Brasis, quando abordou os temas amazonicos seguiu o depoimento avisado de Frei Christovam.

Sucede, porém, que na "Relação Sumaria do que obrou a Prova de Sto. Antonio por seus filhos em serviço de ambas as Magestades - manuscrito inédito, original, que se guarda na primeira seção da Bibliotéca e Arquivo Publico do Estado do Pará, Brasil, e consta do documentario da presente comunicação - encontramos a afirmativa de que a Caldeira Castelo Branco tinham acompanhado Religiosos Capuchos de Santo Antonio, capuchos que teriam chegado a São Luis em 1617 afim de atender o pedido de missionarios para o Estado, entre eles Frei Antonio de Marciana e Frei Christovam de São Joseph.

Se a fundação do Presepio ocorreu em 1616, 12 de Janeiro, como aceitar a noticia da "Relaçam" ? Frei Vicente não estaria certo ? Da folha de pagamentos do funcionalismo publico do Brasil no ano de 1616, 24 de Outubro, parte integrante do precioso Codice - "Livro Segundo do Governo do Brasil", que Affonso Taunay fez inserir nos "Anais do Museo Paulista", Tomo 3 - consta -

"Offes da fazenda. vigro. e coadjutor milrs. cada hum?"

Se constava da folha de pagamentos a referencia a vigario e coadjutor, é que esses membros do clero existiam. E se existiam não os podemos confundir com o padre Manoel Figerôa de Mendonça, que Berredo e Baena indicam como o primeiro Vigario de Belem, aonde



chegou em 1618, outubro. Seriam então os dois capuchos a que nos referimos ?

O assunto não fica esclarecido. Não nos propuzemos mesmo esclarece-lo, mas aponta-lo aos que possam, com elemento de arquivo bastante, elucidá-lo plenamente.

O certo, em tudo, pela unanimidade das noticias, é que em 1617 os capuchos de Santo Antonio começavam tarefa catequista. Além de Frei Merciana e Frei Christóvam, mais Frei Sebastião do Rosario e Frei Philippe de São Boaventura, que, segundo Santa Maria Jaboa-tão, no "Orbe Seraphico", tinham chegado a Belem em 28 de Julho.

NA DEFESA DA TERRA - A Amazonia era um mundo barbaro carecendo da ação pronta de missionarios. Milhares de nativos se aglomeravam ás margens do Rio-Rei. Os soldados da conquista proclamava a necessidade e a urgencia da vinda de catequistas.

Pela Ordem de 20 de Junho de 1618, atribuiu-se à Ordem de S. Francisco, na Provincia de Santo Antonio, a conversão do gentio. Era um encargo pesado, a que os Franciscanos de Santo Antonio não fugiram, a ele, ao contrario, atirando-se com ardor evangeli-co. Começaram pelas cercanias de Belém, adiantando-se depois pelo sertão, sempre com exito (3). Em Agosto de 1617 levantaram Hospi-cio no Una, de onde passariam, em Junho de 1626 para o convento que ergueram em Belém.

Sucede que a essa altura o homem iberico, para dominar, carecia de ações militares. Não contra o gentio, que, é verdade, se

---

(3) Relaçam cit.



levantava em armas sob o comando de Guaimiaba, o famoso Cabelo de Velha. Mas fôra vencido. A campanha que se impunha era contra o concorrente européu: inglez, holandez, irlandez.

Tendo montado feitorias comerciais nas terras molhadas do extremo-norte do Brasil, esses estrangeiros já começavam a criar raizes.. Seus estabelecimentos, principiados na primeira decada do seculo XVII, prosperavam. Escravos negros, trazidos de Angola, trabalhavam a terra, na cultura da cana, de que depois faziam as-sucar. A extração de madeiras fazia-se intensamente. Um entendimento ativo, franco, com o gentio, animára as especulações mercantis entre os da terra e os de fôra.

O perigo para as armas e os interesses ibericos não tinha mascara. Entrava pelos olhos de todos. A expulsão dessa gente decerto precisava realizar-se sem tardança e com energia.

Entre 1617 e 1632, feriram-se violentos encontros entre lusitanos e os "hereges", nome porque os outros brancos passaram a ser tratados.

De certo na empreza dos "hereges" não havia objetivos militares fundamentais mas intenção mercantil. Ao tempo, toda operação mercantil no ultramar tinha, porém, o seu aspêto de operação de guerra. As nações não se atiravam á conquista da materia prima, no Oriente e no Ocidente, rivais no empreendimento e sempre animadas de diferenças na Europa, não podiam aventurar-se pelos mares até mandos novos, exóticos, barbaros, sem apoiar-se na força convincente dos canhões ou na capacidade belica de seus colonos e negociantes. Os "hereges", estabelecidos na Amazonia eram,



como noutros cantos, homens de sua época: queriam negociar e dominar. Nas feitorias, ao lado do armazem, a casa forte, o posto pronto para falar a pólvora e bala.

Dispunham os portuguezes de elementos materiais e humanos para desmontar a maquina do concorrente ? Em todas as campanhas ao longo do litoral os christãos ibericos apoiavam-se na coragem, no destemor, na colaboração admiravel do nativo amigo. Na nova justa esse mesmo nativo devia ser mobilizado. Sem ele, tudo fracassaria.

Os Franciscanos de Santo Antonio puzeram-se em campo. Dos nucleos indigenas que mantinham nas circunvizinhanças de Belem e mais distantes, trouxeram o necessario. A guerra seria por via fluvial. Em cincoenta canoas, adianta a "Relaçam" que vamos seguindo, o Custodio Frei Antonio de Merçiana apresentou-se com os seus catecumenos. Entre o Gurupá e o Xingú feriu-se o embate, continuado, forte, em que tanto se distinguiram bravos capitães portuguezes. No Moturú, por exemplo, demorava uma posição inimiga. Segundo a Relaçam, artilhada com cinco peças, estacada e armamento menor, defendida por trinta holandezes e inglezes. A resistencia era grande. O poder iberico não triumphava. Foi quando se valeram de um stratagem: "vestirem os maes dos nossos indios com camizas, com ã se enganaram os inimigos avaliando-os por portuguezes muy bem armados e se renderam ..." Em todas essas jornadas gloriosas, os Franciscanos com a gente de suas aldeas. Ajudavam. Cooperavam. Com eficiencia. Sem sua intervenção, trazendo o gentio já comprometido em aliança com o conquistador iberico, teria sido possível



o êxito, rápido e completo que caracterizou a campanha contra o "herege" ?

Não se escreveu, ainda, a crônica completa, minuciosa, desse capítulo da expansão cristã. Riscou-a, decerto com detalhes precisos, um Capucho, Frei Christovam de Lisboa: "com esta vos mando os recontros que tiverão os nossos, com os estrangeiros que estão no Gurupá; e tirei o Caderno que vou fazendo da historia destas partes ..." Mas delã não ha noticia. Onde paira ? Ele proprio confessava: "não me fica original mais que as relações escritas e ouvidas ..." Remetia-a ao irmão, Severin de Faria, para os livros de historia que então escrevia sobre Portugal e sua ação ultramarina (4).

PELEJANDO CONTRA A ESCRAVIZAÇÃO - Frei Christovam não era só o cronista avisado, honesto, que entendia a verdade como "alma da historia", concordando com a conclusão do mano, celebre no Reino. Escreveria um "Tratado das Aves, plantas e peixes e animaes", legitima zoo-geografia e phytogeographia da região, sobre o que adiante falaremos.

Sua maior ação constaria, porém, das atitudes que assumiu na defesa da liberdade do nativo.

O colono mostrava-se indiferente ao espirito de humanidade das Bulas papais, da legislação oficial, da qual escorria um programa de fraternidade, uma compreensão elevada da condição do genio, que não podia ser desprezado ou tratado como um ser inferior.

---

(4) Carta de 20 de Janeiro de 1627 in Studart, Documentos para a historia do Brasil, tomo 2, pg.





## AVISO

**DEVIDO AO TAMANHO ORIGINAL DO DOCUMENTO.  
NÃO FOI POSSÍVEL DISPONIBILIZAR O SEU CONTEÚDO  
NA ÍNTEGRA. PARA TER ACESSO AO ARQUIVO DIGITAL  
COMPLETO, POR FAVOR, ENTRAR EM CONTATO COM A  
GERÊNCIA DE ACERVOS DIGITAIS NO  
CENTRO CULTURAL DOS POVOS DA AMAZÔNIA.**

**FONE: (92) 2125-5330**

**FAX: (92) 2125-5301**

**EMAIL: [ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM](mailto:ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM)**

Secretaria de  
**Estado de Cultura**



**CENTRO CULTURAL DOS  
POVOS DA AMAZÔNIA**